

miragens circulares do miraculoso quadrado

Sofia Soft

-
-
-
-
-
-
-

caros leitores, a narrativa a seguir contém sequências de luzes piscantes que sempre causam enjoo, enxaqueca & vômito, também induzindo convulsões em decorrência de uma hipersensibilidade a existenciais vertigens.

-
-
-
-
-
-
-

> X pertence a X se e

somente se X não
pertencer a X.

{ paradoxo de Russell }



>a frase abaixo é falsa.

>a frase acima é
verdadeira.

{ paradoxo do mentiroso }



>todos nós somos
marionetes, Laurie, a
diferença é que eu enxergo
os fios.

{ Doutor Manhattan, em
Watchmen }



se o cérebro humano fosse
tão simples que
pudéssemos entendê-lo,
seríamos tão simples que
não o entenderíamos.

{ Emerson M. Pugh }



—

—

—

—

—

—

—

—

¿quem consegue dizer com absoluta certeza em que ponto uma história começa?

ninguém.

porque será sempre possível recuar um pouco, e mais um pouco, e mais um pouco...

sempre em busca do sentido completo do que realmente aconteceu.

sempre em busca do que convencionalamos chamar de Verdade.

¿quem consegue dizer com absoluta certeza em que ponto uma história

termina?

ninguém.

porque será sempre
possível avançar um pouco,
e mais um pouco, e mais
um pouco...

sempre em busca do
sentido completo do que
realmente aconteceu.

sempre em busca do que
convencionamos chamar
de Verdade.

—

—

—

eu digo & repito:

nosso pequeno herói é um
menino negro de oito anos
de idade.

ou dez anos.

ou doze anos.

um bonito & saudável
menino negro de oito anos
de idade {ou dez anos, ou
doze anos}, chamado
Fortaleza.

ou Abracadabra.

ou Rocinante.

ou Algazarra.

aliás, vocês podem
escolher, fiquem com o
nome de que mais
gostarem.

eu continuarei chamando
nosso pequeno herói de
nosso pequeno herói.

porque na verdade ele não
é um menino.

ele é um quadrado.

um quadrado com um
metro de cada lado.

um quadrado violeta.

eu digo & repito:

nosso pequeno herói é um
quadrado violeta com um
metro de cada lado, que
acredita profundamente
que é um menino negro de
oito anos de idade {ou dez
anos, ou doze anos}.

um menino negro que às
vezes é uma menina

amarela.

uma menina amarela que
às vezes é um menino
vermelho.

um menino vermelho que
às vezes é uma menina
branca.

mas sempre com oito anos
de idade.

ou dez anos.

ou doze anos.

—

—

—

você, meu pequeno herói,
assistiu recentemente ao
filme *O Show de Truman*,
dirigido por Peter Weir.

nesse longa-metragem o
protagonista vive numa
cidade cenográfica,
cercado de atores, câmeras
& microfones ocultos, mas
somente ele não sabe que
o artificial é artificial.
que a simulação é uma

simulação.

que a impostura é uma impostura.

ele acredita que é tudo real.

toda a sua vida nesse imenso estúdio de televisão – vida real para ele, mas secretamente roteirizada, com intervalos comerciais – vem sendo monitorada & transmitida em rede nacional.

o programa O Show de Truman é um sucesso estrondoso.

você assistiu ao filme *O Show de Truman*, dirigido por Peter Weir, e agora está desconfiado.

muito desconfiado.

você anda pela casa procurando câmeras & microfones ocultos.

você observa atentamente seus amigos, sua

professora, seus vizinhos,
tentando descobrir... ¿o
quê?

tentando descobrir se
essas pessoas tão
familiares são atores
contratados pra fingir que
são seus amigos, sua
professora, seus vizinhos.
você entra no escritório e
diz para seu pai:

> fale a verdade.

> ¿o mundo é um teatro?

> ¿você é mesmo meu pai
ou somente um ator
contratado pra interpretar
esse papel num programa
de tevê?

seu pai pára de trabalhar
no computador e olha
muito sério pra você.

> ¿um ator? ¿eu?

> ¿você acha que eu não
sou teu pai, mas um ator
contratado pra interpretar
esse papel num programa

de tevê?

> ¿de onde você tirou essa ideia absurda?

você responde:

> do filme *O Show de Truman*.

seu pai diz:

> entendo...

ele pensa um pouco e

responde, voltando a

trabalhar no computador:

> não, meu filho... eu

definitivamente não sou

um ator. e nós

definitivamente não

estamos num estúdio de

televisão.

você sai do escritório do

seu pai, pensando:

¿será que ele falou a

verdade?

¿ou será que o safado

mentiu?

afinal ele deu a resposta

que um ator também daria.

eu sei e ele sabe.

e ele sabe que eu sei que
ele sabe.

—

—

—

você, meu pequeno herói,
tem um amigo imaginário
há vários anos.

na verdade, uma amiga.

uma divertida amiga

imaginária.

¿o que é um ser humano?

¿qual é a sua essência?

¿se eu pegar uma pessoa e

cortar seus pés e suas

mãos, ela continuará sendo

um ser humano?

¿e se eu cortar suas

pernas, ela continuará

sendo um ser humano?

¿e se eu continuar

cortando?

¿se eu cortar seus braços,

ela continuará sendo um

ser humano?

¿e se eu for bastante

radical e cortar tudo o que puder, todos os órgãos, deixando apenas o cérebro?

¿ainda terei meu querido ser humano?

¿quanto desse cérebro eu poderei fatiar, sem correr o risco de perder meu belo ser humano?

{vejam só o que o ócio incentiva...}

é em bobagens dessa natureza que você, meu pequeno herói, e teu amigo imaginário – tua amiga imaginária, na verdade – costumam ficar pensando quando não têm nada melhor pra fazer.

—

—

—

> ¿o que você tá desenhando?

> uma história em

quadrinhos.

> ¿o que é essa caixa preta com braços e garras?

> este é Oroboros, o robô réprobo.

> ¿por que ele tá abrindo seu próprio corpo?

> Oroboros, o robô réprobo, foi programado pra acreditar que é um ser humano de verdade.

> putz, que merda.

> pois é... mas ele começou a suspeitar, e agora está dolorosamente abrindo seu abdome pra verificar o que tem dentro: órgãos humanos ou um sistema eletrônico.

> ¿coitado, e o que ele vai descobrir?

> Oroboros, o robô réprobo, vai descobrir que seu interior está cheio de órgãos humanos.

> apenas porque ele foi

programado pra enxergar
órgãos humanos onde há
somente um sistema
eletrônico...

> exato.

> putz, que merda.

> ¿sofrimento ducaralho,
né? {sorriso}

> ¿por que você não muda
isso? você é o autor, pode
fazer o que quiser.

> é verdade. eu poderia dar
consciência ao meu robô.

> ¿por que não faz?

> não sei... o sofrimento é
mais interessante. {riso}

> sádico filhodaputa, você
é phoda. {riso}

—

—

—

você, meu pequeno herói,
tem um amigo imaginário
há vários anos.

na verdade, uma amiga.

uma divertida amiga

imaginária.

mas agora você fica

imaginando se tua

divertida amiga imaginária

também fica imaginando

que o divertido amigo

imaginário dela É VOCÊ.

—

—

—

> teus olhos são tão bonitos.

> teus olhos também são lindos.

> tão bonita é tua boca.

> também é linda tua boca.

> teu cabelo, a luz do sol acariciando teu cabelo, que perfeição.

> teu cabelo, a luz do sol acariciando teu cabelo, que perfeição.

> meu amor por você é tão... tão intenso.

> meu amor por você também é fortíssimo.

> você é tão real pra mim.

> você também é profundamente real pra mim.

> a gente nunca conversou sobre... você sabe.

> é verdade, a gente nunca conversou sobre isso.

> a verdade.

> é... a verdade.

> ¿você sabe que você é só uma incrível amiga

imaginária, não sabe?

minha amiga imaginária.

meu grande amor.

> ¿o quê? eu pensei que você soubesse que VOCÊ é

só um incrível amigo

imaginário. meu amigo

imaginário. meu grande

amor.

> ¿você nunca achou

estranho que meus pais e

meus amigos não

conseguem enxergar você?

pra eles você não existe, é

apenas um fruto de minha fantasia.

> na verdade... ¿você nunca achou estranho que meus pais e meus amigos também não conseguem enxergar VOCÊ? pra eles você também não existe, é apenas um fruto de minha fantasia.



nosso pequeno herói apaixonado nunca mais reencontrou sua divertida amiga imaginária.

¿qual era mesmo o nome dela?

nosso pequeno herói não lembra.

¿como eram mesmo seus olhos, sua boca, seu cabelo?

nosso pequeno herói não lembra.

o timbre de sua voz, como era mesmo?

nosso pequeno herói não lembra.

por isso ele chora.

por isso ele não quer levantar do sofá.

nosso pequeno herói não lembra mais da presença física do amor de sua vida. nem de sua presença espiritual.

não lembra mais...

desapareceu tudo.

para piorar a situação, nosso pequeno herói suspeita que a mesma coisa está acontecendo com ela.

com o amor de sua vida.

ela também

provavelmente não lembra mais da presença física do nosso pequeno herói.

nem de sua presença espiritual.

não lembra mais...

desapareceu tudo.

que miséria!

amigos imaginários

também sofrem & fazem

sofrer.

mas a verdade é que...

nosso pequeno herói e o

amor de sua vida...

¿quem é a pessoa de carne

& osso e quem era o

verdadeiro amigo

imaginário?

nosso pequeno herói já

não tem certeza.

¿será esta realidade a

realidade real ou uma

realidade imaginária?

¿se esta realidade fosse

mesmo real, a

manifestação de amigos

imaginários seria

impossível, não seria?

nosso pequeno herói já

não tem certeza de nada.

por isso ele chora.

por isso ele não quer
levantar do sofá.

—

—

—

eu digo & repito:
nosso pequeno herói é um
quadrado violeta com um
metro de cada lado, que
acredita profundamente
que é um menino negro de
oito anos de idade.

ou dez anos.

ou doze anos.

um menino negro que às
vezes é uma menina
amarela.

uma menina amarela que
às vezes é um menino
vermelho.

um menino vermelho que
às vezes é uma menina
branca.

mas sempre com oito anos
de idade.

ou dez anos.

ou doze anos.

os outros quadrados não entendem o que está acontecendo.

não entendem por que um quadrado violeta com um metro de cada lado acredita que é um ser humano vivendo no mundo dos seres humanos. não sabem nada de amigos imaginários, reality shows, cidades, casas, escolas & famílias.

que absurdo!

na verdade, os outros quadrados não têm consciência.

eles não sentem nem raciocinam coisa alguma.

então como poderiam pensar sobre os seres humanos e suas tolices?



você, meu pequeno herói,
terminou de ler o conto
Equipe de ajuste, escrito
por Philip K. Dick.

Nesse conto o protagonista
descobre por acidente que
os burocratas de uma
organização poderosa &
misteriosa manipulam a
realidade.

¿de que maneira?

ajustando secretamente as
pessoas – suas crenças e
seus desejos – sem que
elas saibam.

¿e por que fazem isso?

para manter sob seu
controle o curso da
História.

o destino da humanidade.

você terminou de ler o
conto *Equipe de ajuste*,
escrito por Philip K. Dick, e
agora está desconfiado.
muito desconfiado.

¿e se os burocratas de

uma organização poderosa
& misteriosa estiverem
mesmo manipulando a
realidade?!

icaraleo!

¿como saber a Verdade?

no conto escrito por Philip

K. Dick o protagonista

descobre a verdade

acidentalmente...

agora você passeia pela

escola e pelo seu bairro

atento a tudo o que está

acontecendo.

examinando os passantes.

investigando seu

comportamento.

você, alerta feito uma

raposa.

ou um falcão.

agora você passeia pela

escola e pelo seu bairro

tentando flagrar a menor

incongruência.

o menor contrassenso.

o menor disparate.

—

—

—

você, meu pequeno herói,
assistiu recentemente ao
filme *Matrix*, dirigido pelas
irmãs Lilly & Lana
Wachowski.

nesse longa-metragem
nossa realidade é na
verdade uma simulação de
computador.

a humanidade não sabe
disso.

a humanidade está
inconsciente.

adormecida.

aprisionada.

mas algumas poucas
pessoas conseguiram se
desconectar dessa
simulação.

algumas poucas pessoas
conseguiram escapar da
prisão invisível da mente.

da armadilha da simulação.

da armadilha da impostura.
pouquíssimas pessoas.
é bom pra elas, certo?
mais ou menos.
o problema é que nem
mesmo essas pouquíssimas
pessoas estão realmente
satisfeitas.
é por quê?
simplesmente porque elas
não estão totalmente
seguras de estarem
vivendo no mundo real.
talvez essas pouquíssimas
pessoas só estejam
vivendo em outro nível da
mesma simulação.
em outro nível da mesma
prisão invisível da mente.
você assistiu ao filme
Matrix, dirigido pelas irmãs
Lilly & Lana Wachowski, e
agora está desconfiado.
muito desconfiado.
você passa as horas e os
dias procurando bugs no

sistema.

falhas na programação.

você quer a verdadeira

Verdade.

você quer despertar dessa

realidade simulada.

dessa prisão invisível da

mente.

mas não consegue.

por isso você chora.

por isso você não quer

levantar do sofá.

—

—

—

você, meu pequeno herói,

compartilhou sua

inquietação com tua

melhor amiga.

uma bonita & saudável

menina amarela de oito

anos de idade {ou dez

anos, ou doze anos},

chamada Pombinha.

ou Oceania.

ou Pirlimpimpim.

ou Serelepe.

uma menina amarela que às vezes é um menino vermelho.

um menino vermelho que às vezes é uma menina branca.

uma menina branca que às vezes é um menino negro. mas sempre com oito anos de idade.

ou dez anos.

ou doze anos.

então ela disse:

> esquisito.

então você disse:

> esquisito mesmo.

então ela disse:

> muito esquisito.

então você disse:

> ¿você também acha

possível que nossa

realidade seja na verdade

uma simulação de

computador?

então ela disse:

> é possível... mas também estou considerando outra coisa.

então você disse:

> o quê?

então ela disse:

> enquanto você assistia ao filme *Matrix*, dirigido pelas irmãs Lilly & Lana Wachowski, você pensou que talvez você assistindo ao filme *Matrix*, dirigido pelas irmãs Lilly & Lana Wachowski, fosse na verdade o filme de outras pessoas?

então você disse:

> não... não pensei nisso.

mas faz sentido.

então ela disse:

> e agora eu estou

pensando que talvez essas outras pessoas assistindo a você assistindo ao filme *Matrix*, dirigido pelas irmãs Lilly & Lana Wachowski,

seriam na verdade o filme de outras pessoas, e assim por diante, numa regressão ao infinito.

então você disse:

> entendo... igual a essas fotos em que aparece uma pessoa segurando uma foto em que aparece a mesma pessoa segurando uma foto em que aparece a mesma pessoa segurando uma foto em que aparece a mesma pessoa segurando uma foto, infinitamente.

então ela disse:

> ou quando a gente fica parado entre dois espelhos posicionados um de frente para o outro.



taquicardia, náusea,
sudorese, tremores, dor no
peito...

calma, respira devagar.

inspira^{aaa} e...

expira^{aaa}.

inspira^{aaa} e...

expira^{aaa}.

você, meu pequeno herói,
está tendo uma crise
terrível.

uma crise de paranoia
aguda.

você consumiu
estimulantes demais.

misturou alhos com
bugalhos.

em pouquíssimo tempo
você, meu pequeno herói,
abocanhou o conto *As
ruínas circulares*.

mastigou o filme *eXistenZ*.

devorou os romances *Ubik*
e *Os três estigmas de
Palmer Eldritch*.

petiscou o filme *Décimo terceiro andar*.

deglutiu o romance *Simulacron-3*.

papou o filme *Inception*.

lançou o romance *O congresso de futurologia*.

engoliu o filme *O predestinado*.

ingeriu o conto *Duzentas mil horas*.

beliscou o filme *Os outros*.

almoçou o romance *Não me abandone jamais*.

jantou o filme *Lunar*.

taquicardia, náusea,
sudorese, tremores, dor no
peito...

calma, respira devagar.

inspiraaa e...

expiraaa.

inspiraaa e...

expiraaa.

você, meu pequeno herói,
está tendo uma crise
terrível.

uma crise de paranoia
aguda.

você consumiu

estimulantes demais.

foi uma orgia romana.

um banquete horroso de

Jorge Luis Borges David

Cronenberg Philip K. Dick

Josef Rusnak Daniel F.

Galouye Christopher Nolan

Stanislaw Lem Peter &

Michael Spierig Olyveira

Daemon Alejandro

Amenábar Kazuo Ishiguro

Duncan Jones e de

sobremesa ainda teve

umas gravuras do M.C.

Escher que você saboreou

escondido, ¿não foi,

safadinho?

calma, respira devagar.

inspiraaa e...

expiraaa.

inspiraaa e...

expiraaa.

repete comigo:

> não saber TUDO sobre a realidade não quer dizer que TUDO o que sabemos sobre a realidade é falso. de novo.

repete comigo:

> não saber TUDO sobre a realidade não quer dizer que TUDO o que sabemos sobre a realidade é falso. de novo.

repete comigo:

—

—

—

vamos chamar de Serelepe a pequena amiga de nosso pequeno herói.

poderia ser Pombinha.

ou Oceania.

ou Pirlimpimpim.

mas eu gosto mais de Serelepe.

nosso pequeno herói

conheceu essa bonita &

saudável menina amarela

de oito anos de idade {ou dez anos, ou doze anos} na escola.

mais precisamente no corredor mais comprido, recém-encerado.

mais precisamente durante uma competição de patinação de meias.

assim que a equipe de limpeza deixou o local, nosso pequeno herói e seus amigos tiraram os tênis e dispararam no piso superdeslizante.

na algazarra, nem perceberam que no sentido contrário vinha a bonita & saudável menina amarela de oito anos de idade {ou dez anos, ou doze anos} e suas amigas. vinham de meias, patinando sem freio. também em altíssima velocidade.

as meninas.

os meninos.

gargalhadas.

alarido.

—

—

—

{¿uma complexa
konstrução mental?}

—

—

—

num local fora do tempo e
do espaço existe a

realidade dos quadrados.

esse local sempre existiu &
sempre existirá.

os quadrados de todos os
tipos flutuam em silêncio
nessa vasta região ideal.

se pensarmos bem, os
verdadeiros quadrados só
existem aqui.

¿por que os verdadeiros
quadrados só existem
aqui?

porque, minhas queridas & meus queridos, somente esses quadrados são figuras geométricas perfeitas.

somente aqui os quadrados apresentam os quatro lados absolutamente iguais.

até mesmo {obviamente} o maior quadrado possível.

¿não consigo imaginar seu tamanho, vocês conseguem?

até mesmo {obviamente} o menor quadrado possível.

¿não consigo imaginar seu tamanho, vocês conseguem?

nesse local fora do tempo e do espaço existe apenas a realidade dos quadrados.

aqui não há tristeza nem alegria.

aqui não há frio nem calor.

aqui também não há

passado nem futuro.
as coisas jamais mudaram
e jamais mudarão.
esse local sempre existiu e
sempre existirá.
os quadrados de todos os
tipos flutuam em silêncio
nessa vasta região ideal.
somente aqui os
quadrados apresentam os
quatro lados
absolutamente iguais.
somente aqui os
quadrados apresentam o
mesmo número de átomos
em cada lado.
sem sofrer qualquer
desgaste.
eternamente.
em nosso mundo não
existem quadrados tão
perfeitos assim.
sendo bastante rigorosos,
devemos afirmar que em
nosso mundo não existem
quadrados.

—

—

—

clonagem.

tua melhor amiga assistiu a um filme sobre pessoas clonadas.

uma empresa de saúde clonava milionários e mantinha as cópias numa ilha, vivendo mais ou menos satisfeitos longe da civilização.

mas os clones não sabiam que eram clones.

os clones não sabiam que eram doadores

involuntários de órgãos.

sempre que um milionário precisava de um coração ou de pulmões em ótimo estado...

¿creio que já deu pra entender, certo?

¿também não preciso dizer que a expectativa de vida

dos valorosos clones era
curtíssima, preciso?

—

—

—

o título do filme:

A ilha

o diretor:

Michael Bay

—

—

—

¿quem consegue dizer com
absoluta certeza em que
ponto uma história
começa?

¿quem consegue dizer com
absoluta certeza em que
ponto uma história
termina?

eu digo & repito:

nosso pequeno herói existe
num local fora do tempo e
do espaço.

nosso pequeno herói existe
na realidade dos

quadrados.

esse local sempre existiu e sempre existirá.

os quadrados de todos os tipos flutuam em silêncio nessa vasta região ideal. aqui não há nascimento nem morte.

deuses & demônios não existem aqui.

nosso pequeno herói é um quadrado eterno.

eu digo & repito:

nosso pequeno herói é um quadrado violeta com um metro de cada lado, que acredita profundamente que é um menino negro de oito anos de idade.

ou dez anos.

ou doze anos.

um menino negro que às vezes é uma menina amarela.

uma menina amarela que às vezes é um menino

vermelho.

um menino vermelho que
às vezes é uma menina
branca.

mas sempre com oito anos
de idade.

ou dez anos.

ou doze anos.

nosso pequeno herói não
suspeita que é apenas um
quadrado.

um quadrado violeta
imaginário.

mas ele já começou a
suspeitar que a realidade
não é o que parece ser.

tudo começou de maneira
bastante singela.

tudo começou com um
peça de teatro.

—

—

—

havia um sítio.

havia duas velhas

mulheres, uma branca e

uma negra.

havia uma menina e um menino.

e uma boneca de pano e um sabugo de milho.

e umas criaturas mágicas.

nosso pequeno herói ficou encantado.

nosso pequeno herói tinha seis anos de idade.

a apresentação aconteceu no teatro da pré-escola.

o problema foi que, depois dos aplausos, as duas

velhas, a menina e o

menino, a boneca de pano

e o sabugo de milho e as

criaturas mágicas, todos

tiraram a maquiagem e o

figurino, e foram embora

sem magia nem

encantamento.

nosso pequeno herói ficou perplexo.

nosso pequeno herói não estava entendendo...

então a bondosa
professora de nosso
pequeno herói explicou:
> eles são atores, meu
docinho.

então a amorosa mamãe
de nosso pequeno herói
explicou:
> eles apenas fingem, no
palco.

mas as explicações não
explicaram quase nada.
desde então, sempre que
assiste a uma peça de
teatro, nosso pequeno
herói fica dividido entre
duas possibilidades.
duas possibilidades
extremas.

¿o que são os atores?

¿são pessoas normais que
fingem ser pessoas &
criaturas mágicas, quando
estão no palco?

¿ou são pessoas &
criaturas mágicas que

fingem ser pessoas
normais, quando não estão
no palco?

—

—

—

{um refinado
processo
intracraniano?}

—

—

—

você, meu pequeno herói,
compartilhou sua
inquietação com tua
melhor amiga.

uma bonita & saudável
menina amarela de oito
anos de idade {ou dez
anos, ou doze anos},
chamada Pombinha.

ou Oceania.

ou Pirlimpimpim.

ou Serelepe.

uma menina amarela que
às vezes é um menino
vermelho.

um menino vermelho que às vezes é uma menina branca.

uma menina branca que às vezes é um menino negro. mas sempre com oito anos de idade.

ou dez anos.

ou doze anos.

você disse:

> ¿acha uma boa ideia eu conversar com os atores, perguntar a eles?

então ela disse:

> ¿de que adiantaria? se forem bons atores, se forem atores insuperáveis, a gente nunca terá certeza se estão mentindo ou falando a verdade.

então você disse:

> a gente nunca terá certeza se estão representando ou não...

então ela disse:

> ¿se disserem que são

peessoas normais que fingem ser pessoas & criaturas mágicas, quando estão no palco, como saber se são pessoas normais contando uma mentira {melhor dizendo, ainda interpretando um papel} ou se são pessoas normais falando a verdade?

então ela disse:

> ¿se disserem que são pessoas & criaturas mágicas que fingem ser pessoas normais, quando não estão no palco, como saber se são pessoas & criaturas mágicas contando uma mentira {melhor dizendo, ainda interpretando um papel} ou se são pessoas & criaturas mágicas falando a verdade?

então ela pensou mais um pouco e disse:

> pensando bem, tanto faz se forem bons atores, se forem atores insuperáveis, ou se forem maus atores, se forem uns canastrões da pior espécie... é, meu amigo... tanto faz... a resposta dos maus atores também será inconclusiva, pois ainda não saberemos se estão mentindo de um jeito canastrão, nada convincente {melhor dizendo, se ainda estão interpretando mal um papel}, ou se estão dizendo a verdade de um jeito canastrão, nada convincente.

—

—

—

você, meu pequeno herói, e tua melhor amiga, vocês estão sentados num banco de praça.

estão sentados, quietos,
observando a praça
deserta.

¿mas será que a praça está
mesmo deserta?

você, meu pequeno herói,
e tua melhor amiga, vocês
observam demoradamente
a praça.

observam, quase sem
piscar, o extenso piso de
granito cinza.

os outros bancos, sem
ninguém sentado.

o coreto.

a fonte.

os arbustos, as flores e as
árvores do jardim ao redor.

não há ninguém em parte
alguma.

¿mas será que a praça está
mesmo deserta?

então você diz:

> ¿está conseguindo
enxergar alguém?

então sua amiga diz:

> ninguém.

tua melhor amiga leu um romance sobre duas cidades imbricadas, entremeadas, misturadas. duas cidades ocupando a mesma região.

ocupando o mesmo espaço geográfico.

mas os cidadãos de uma cidade não enxergavam nada da outra cidade.

não enxergavam seus moradores.

seus prédios.

seu trânsito.

não enxergavam nada.

não escutavam nada.

não farejavam nem

degustavam nadinha.

não tocavam coisa alguma.

os cidadãos das duas

cidades eram

condicionados desde

pequenos a não perceber a

outra cidade.

essa era a Lei.

então você, meu pequeno herói, e tua melhor amiga, vocês estão se

perguntando se essa Lei se aplica também a vocês.

a vocês e a todos os cidadãos de sua cidade.

essa Lei.

esse condicionamento absoluto.

então você diz:

> o que nossos sentidos não conseguem captar existe ou não existe?

então sua amiga diz:

> talvez nossos sentidos estejam captando alguma coisa, mas nossa mente esteja se recusando a registrar.

então você diz:

> o que nossos sentidos talvez estejam captando mas nossa mente esteja se recusando a registrar

existe ou não existe?

então sua amiga diz:

> o que nossos sentidos talvez estejam captando mas nossa mente esteja se recusando a registrar praticamente não existe.

> ¿como poderia existir?

—

—

—

o título do romance:

A cidade & a cidade

o autor:

China Miéville

—

—

—

Serelepe...

{isso mesmo, vamos chamar de Serelepe a pequena amiga de nosso pequeno herói.}

Serelepe pegou um frasco de comprimidos coloridos. pegou do fundo da última

gaveta do grande guarda-roupa.

do grande guarda-roupa do quarto dos seus pais.

um frasco de comprimidos coloridos escondido numa bolsinha de couro.

escondido numa bolsinha de couro com mais meia dúzia de frascos de comprimidos.

a pequena Serelepe pegou esse frasco de comprimidos coloridos e saiu de fininho.

seu desatento papai não percebeu.

sua desatenta mamãe não percebeu.

seus distraídos irmãos maiores não perceberam.

a pequena Serelepe levou o frasco de comprimidos coloridos pra escola.

durante o recreio, atrás da quadra de basquete, a

pequena Serelepe abre o frasco.

a pequena Serelepe abre o frasco e entrega um comprimido arco-íris ao nosso pequeno herói.

e entrega um comprimido arco-íris a cada uma das crianças presentes.

são no total oito crianças. durante o recreio.

atrás da quadra de basquete.

a pequena Serelepe engole um comprimido arco-íris.

nosso pequeno herói engole um comprimido arco-íris.

as outras crianças engolem um comprimido arco-íris.

toca o sinal, encerrando o recreio.

as oito crianças voltam pra sala de aula.

voltam com as pupilas douradas.

—

—

—

você, meu pequeno herói,
está encantado.

profundamente fascinado.
você.

hipnotizado.

a beleza das cores...

a intensidade dos cheiros...

a sutileza dos ruídos...

nunca antes a sala de aula
lhe pareceu tão Real.

tão cintilante.

a professora irradia vigor &
inteligência.

as paredes e as janelas

irradiam vigor &

inteligência.

as crianças ao redor

irradiam vigor &

inteligência.

a brisa do ventilador irradia
vigor & inteligência.

você, meu pequeno herói,
consegue escutar todos os

sons da escola, mas sem se confundir.

teus pensamentos estão organizados.

o tempo do relógio passa mais devagar.

bem mais devagar.

agora começa a chover.

e a chuva é magnífica.

ancestral.

é a chuva de todos os tempos & lugares.

a chuva imóvel, ou quase.

você, meu pequeno herói,

contempla os exercícios de matemática.

você contempla.

você.

os exercícios de

matemática que a

professora iluminada

escreveu no quadro-negro

iluminado.

você contempla & resolve

rapidamente os exercícios.

sem precisar escrever no

caderno iluminado.

você resolve de cabeça.

ah, meu pequeno herói,

parece que você ficou um pouco mais inteligente.

é impressão minha ou a superfície da carteira está mais confortável?

é impressão minha ou o sabor da bala de mel está mais intenso?

é impressão minha ou respirar nunca foi tão prazeroso?

é impressão minha ou agora tudo faz sentido no planeta?

é no universo?

é em você?

—

—

—

{sistema nervoso,
sinapses, impulsos
elétricos, reações
químicas...}

—



você, meu pequeno herói,
e tua melhor amiga, vocês
estão sentados na areia.
diante do oceano.
assistindo ao pôr do sol.
mentira.
ainda falta muito para o
pôr do sol.
vocês estão sentados na
areia, admirando as ondas
fracas.
nenhum surfista à vista.
vocês não estão mais
encantados.
não estão mais
profundamente fascinados.
vocês.
não estão mais
hipnotizados.
a beleza das cores...
a intensidade dos cheiros...
a sutileza dos ruídos...
tudo isso desapareceu.
adeus, pupilas douradas.

adeus, comprimidos arco-íris.

você, meu pequeno herói, e tua melhor amiga, vocês voltaram a ser o que eram antes.

o que eram antes das pupilas douradas.

agora o que mais incomoda você, meu querido, é saber:

¿quem é você de verdade?!

hum... ¿por que tanto drama?

tudo porque você descobriu que há duas versões:

há a maçante versão sem as pupilas douradas.

e há a incrível versão com as pupilas douradas.

¿quem é você de verdade?

agora o que mais incomoda tua melhor amiga, meu querido, é saber:

¿quem é ela de verdade?!

hum... ¿por que tanto
drama?

tudo porque ela também
descobriu que há duas
versões:

há a maçante versão sem
as pupilas douradas.

e há a incrível versão com
as pupilas douradas.

¿quem é ela de verdade?

gaivotas grasnam perto de
você, meu pequeno herói.

perto de você e de tua
melhor amiga, Serelepe.

gaivotas comuns.

sem graça.

gaivotas que não irradiam
vigor & inteligência.

numa praia em que nada
irradia vigor & inteligência.

—

—

—

nosso pequeno herói não é
um menino.

na verdade ele é um
quadrado.

um quadrado com um
metro de cada lado.

um quadrado violeta.

como é possível um

quadrado sem vida,

sem consciência,

um objeto geométrico...

¿como é possível um

simples quadrado acreditar

que é um menino de

verdade?

no reino dos quadrados

não existe consciência.

no reino dos quadrados

não existem virtude ou

vício.

no reino dos quadrados

não existe violência de

espécie alguma.

no reino dos quadrados

não existe humanidade.

não existe.

—

—



você, meu pequeno herói,
leu muitos livros e assistiu
a muitos filmes.

você aprecia demais as
obras que inquietam.

que desafiam o senso
comum.

que bagunçam as certezas.

as obras mais perigosas.

mas tem um livro que você
ainda não leu.

um livro que você tem
medo de abrir.

qual livro?

estou falando do famoso
romance do teólogo Edwin
Abbott Abbott, intitulado
Planolândia.

você tem esse livro em
casa.

tua melhor amiga ofereceu
esse livro a você de
presente no teu
aniversário.

mas você ainda não leu.

você tem medo de abrir.

você tem pavor de abrir.

você tem pavor.

porque você sabe.

sim, você sabe.

o herói desse romance do
século dezanove, vejam só,
é um ingênuo quadrado.

—

—

—

você, meu pequeno herói,
sonha todas as noites.

você.

sonha que é uma figueira.

sonha que é um

brontossauro.

sonha que é um vulcão.

sonha que é uma baleia.

sonha que é uma estrela.

sonha que é um super-
herói.

sonha que é uma

borboleta.

mas ao acordar você não é
idiota de achar que é uma

borboleta.

uma borboleta sonhando
que é um menino.

igual aquele filósofo.

Chuang Tzu.

que besteira!

aquele filósofo que depois
de passear muito, durante
um dia ensolarado, deitou
sob uma amoreira e
mergulhou num sono
profundo.

num sonho profundo.

Chuang Tzu.

aquele filósofo que sonhou
que era uma borboleta
passeando muito, durante
um dia ensolarado.

aquele filósofo que
acordou aterrorizado.

Chuang Tzu.

> ¿putaqui pariu, quem sou
eu?

> ¿sou um homem que
sonhou que era uma
borboleta?

> ¿ou sou uma borboleta
sonhando que é um
homem?

ique besteira!

não, meu pequeno herói,
você sabe muito bem o
que é estar sonhando e o
que é estar acordado.

ou pelo menos acredita
que sabe.

mas pense bem...

¿e se tua vida {acordada ou
dormindo} for o sonho de
outra criatura?

é sobre essa possibilidade-
borboleta que tua melhor
amiga especula:

> considere isso:

> ¿e se o que chamamos
de *realidade* for o sonho de
outra criatura?

> ¿de uma criatura maior
do que o universo?

> ¿de uma criatura que

está dormindo, sonhando o universo?

—

—

—

você, meu pequeno herói,
hoje está se sentindo
diferente.

com essa máscara.

com esse traje azul escuro.

com essas luvas e esse
sapatos incomuns.

com esse cabelo tingido de
violeta-púrpura.

você não ganhou
superpoderes.

mesmo vestido de super-
herói.

você não ficou mais forte
ou mais rápido.

teus olhos não disparam
raios laser.

você não voa nem salta
grandes distâncias.

teu traje e tua pele não são
à prova de balas.

mesmo assim hoje você
está se sentindo diferente.
porque você, meu
pequeno herói, hoje está
diferente entre diferentes.
participando de um
fabuloso,
multicolorido,
eufórico,
supercompetitivo
campeonato mundial de
cosplay.

iah, que maravilha!
é tanta gente satisfeita &
alegre, que você, meu
pequeno herói,
{diferente entre diferentes}
fica se perguntando se a
verdadeira identidade
dessas pessoas não está
aqui,
finalmente exposta,
finalmente visível,
enquanto sua identidade
cotidiana, artificial,
é uma simples fantasia,

uma simples camuflagem
na dogmática selva da
sobrevivência.

—

—

—

{uma complexa
konstrução mental?}

{um refinado
processo
intracraniano?}

{sistema nervoso,
sinapses, impulsos
elétricos, reações
químicas...}

—

—

—

você, meu pequeno herói,
assistiu recentemente ao
filme *Vanilla sky*, dirigido
por Cameron Crowe.

nesse longa-metragem o
protagonista milionário
está morto há décadas.
seu corpo é mantido
cuidadosamente

congelado.

seu corpo é mantido num sofisticado esquife de nitrogênio líquido.

em suspensão criogênica.

o protagonista milionário

do filme *Vanilla sky*,

dirigido por Cameron

Crowe, está morto há

décadas, mas sonhando

uma realidade em que está vivo.

uma realidade

incrivelmente real.

de novo a inquietação de

Chuang Tzu.

será que você, meu

pequeno herói...

será que você...

será que...

de novo Chuang Tzu.

de novo Chuang Tzu.

—

—

—

¿uma disfarçada mão

invisível?

¿conseguem ver?

¿uma disfarçada mão

invisível está movendo os
prédios ao nosso redor?

¿uma gigantesca mão

invisível?

fumaça fininha.

moleza gostosinha.

¿pra onde vão as pessoas e
as coisas?

¿pra onde vão as pessoas e
as coisas quando ninguém
está olhando?

você, meu pequeno herói,
e tua melhor amiga,

Serelepe, e outros queridos
amigos, apertam o mato,

queimam uma ponta,

puxam um beque, dão um
tapa na pantera, fumam

um baseado.

depois caminham pela
cidade.

conversam animadamente.

sobre literatura & música

pop.

sobre mangás & animês.

se divertem.

então um dos amigos diz:

> olhem pra cima... ¿não parece que uma disfarçada

mão invisível está

movendo os prédios ao

nosso redor? ¿uma

gigantesca mão invisível?

¿conseguem ver?

então outro amigo diz:

> ¿como se a gente

estivesse num imenso

cenário?

e o primeiro amigo diz:

> exatamente... num

cenário gigantesco. num

cenário que precisa ser

ajustado constantemente,

conforme a gente anda.

todos riem, brincam.

lembram que no filme

Cidade das sombras,

dirigido por Alex Proyas,

acontece algo parecido.

todos riem, brincam,
menos você, meu pequeno
herói.

então outro amigo diz:

> ¿pra onde vão as pessoas
e as coisas quando
ninguém está olhando?

todos acham essa pergunta
engraçada.

menos você, meu pequeno
herói.

você já pensou muitas
vezes nessa questão.

sem chegar a conclusão
alguma.

então tua melhor amiga
diz:

> eu espero sinceramente
que elas continuem
existindo mesmo se
ninguém estiver olhando.

então seu amigo diz:

> talvez elas simplesmente
desapareçam, e voltem a
aparecer apenas quando
alguém estiver olhando

novamente.

então tua melhor amiga diz:

> ¿haveria um jeito de saber a verdade?

então seu amigo diz:

> ¿se houvesse um jeito de saber a verdade alguém já saberia a verdade, certo?

então você diz:

> a gente teria que ser mais rápido que as pessoas e as coisas quando ninguém está olhando.

então seu amigo diz:

> ¿se houvesse um jeito de ser mais rápido alguém já teria sido mais rápido, certo?

então tua melhor amiga diz:

> é uma simples questão de lógica: se as pessoas e as coisas parecem estar sempre aqui, isso pode ser explicado por dois

fenômenos:

> um: que as pessoas e as coisas estão sempre aqui, estejamos olhando ou não.

> dois: que as pessoas e as coisas realmente desaparecem quando ninguém está olhando e reaparecem quando alguém está olhando, e fazem isso na velocidade do nosso olhar.

> então, mesmo que olhemos mais rápido ainda, nunca conseguiremos olhar mais rápido do que nosso próprio olhar.

—

—

—

você, meu pequeno herói,
às vezes ergue a cabeça.

às vezes olha para o alto.

para as nuvens.

para as estrelas.

¿à procura do quê?

você às vezes pensa no romance *Planolândia...* e olha para o alto.

você sabe que o herói do célebre romance de Edwin Abbott Abbott é um inocente quadrado vivendo num mundo plano.

num mundo bidimensional.

você não leu o livro.

você ainda não teve coragem de ler o livro.

mas você sabe que o herói do célebre romance de Edwin Abbott Abbott é um ingênuo quadrado vivendo num mundo plano porque tua melhor amiga te contou.

um ingênuo quadrado vivendo num mundo de formas geométricas que não conhecem outras dimensões além de comprimento & largura.

você sabe.

até o dia em que uma
forma tridimensional –
uma esfera – arrebata
nosso ingênuo herói
bidimensional e o leva para
o alto.

é claro que essa
experiência transforma
radicalmente a cosmovisão
de nosso ingênuo
quadrado.

é por isso que você, meu
pequeno herói, às vezes
ergue a cabeça.

às vezes olha para o alto.
para as nuvens.

para as estrelas.

¿à procura do quê?

obviamente à procura da
forma tetradimensional
que o arrebatará.

obviamente à procura da
criatura de quatro

dimensões físicas – ¿um

tesseracto? – que o levará

não para o alto, mas para a

quarta dimensão física que
você ainda não sabe qual é.
para a quarta dimensão
física que você ainda não
tem como saber qual é.
você, meu pequeno herói,
às vezes ergue a cabeça.
às vezes olha para o alto.
para as nuvens.
para as estrelas.
e se pergunta:
¿seria a Planolândia
somente uma criação
literária?
¿uma alegoria?
ninguém sabe com certeza.
tudo o que sabemos é que
a Planolândia não é a
espetacular realidade dos
quadrados eternos.
eu digo & repito:
num local fora do tempo e
do espaço existe a
realidade dos quadrados.
esse local sempre existiu &
sempre existirá.

os quadrados de todos os tipos flutuam em silêncio nessa vasta região ideal. eterna.

perfeita.

imutável.

você, meu pequeno herói, às vezes ergue a cabeça.

às vezes olha para o alto.

para as nuvens.

para as estrelas.

mesmo sabendo que a forma tetrádica dimensional que o arrebatará, se um dia aparecer, poderá vir de qualquer lado.

poderá vir de cima.

poderá vir de baixo.

poderá vir da esquerda.

poderá vir da direita.

poderá vir de dentro de você.

eu digo & repito:

poderá vir de qualquer lado.



eu digo & repito:

nosso pequeno herói é um quadrado violeta com um metro de cada lado, que acredita profundamente que é um menino negro de oito anos de idade.

ou dez anos.

ou doze anos.

um menino negro que às vezes é uma menina amarela.

uma menina amarela que às vezes é um menino vermelho.

um menino vermelho que às vezes é uma menina branca.

mas sempre com oito anos de idade.

ou dez anos.

ou doze anos.

eu digo & repito:

nosso pequeno herói é um

menino negro de oito anos
de idade.

ou dez anos.

ou doze anos.

um bonito & saudável

menino negro de oito anos

de idade {ou dez anos, ou

doze anos}, chamado

Pandemônio.

ou Lusco-Fusco.

ou Curupira.

ou Pirlimpimpim.

aliás, vocês podem

escolher, fiquem com o

nome de que mais

gostarem.

eu continuarei chamando

nosso pequeno herói de

nosso pequeno herói.

porque na verdade ele não

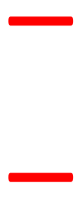
é um menino.

ele é um quadrado.

um quadrado com um

metro de cada lado.

um quadrado violeta.



a aula de língua portuguesa terminou.

você, meu pequeno herói,
começa a recolher teu
material escolar e percebe
que alguém enfiou um
panfleto em tua mochila.
um panfleto misterioso
que diz:

¡TUDO É MÁQUINA,
PUTADA!

máquina é matéria-
energia.

universo é máquina
macrocósmica.

átomo é máquina
microcósmica.

corpo é máquina biológica.

mente & consciência são
produtos da máquina-
corpo.

idioma é máquina verbal.

arte-literatura é máquina
estética.

filosofia é máquina teórica.

ciência é máquina prática.

política é máquina
administrativa.

religião é máquina-
placebo.

alma imortal é papo-
furado.

nasceu, viveu, foi feliz ou

foi infeliz, foi rico ou foi

pobre, viajou ou não

viajou, foi genial ou foi

imbecil, amou ou odiou, foi

pacífico ou foi violento, foi

altruísta ou foi egoísta, foi

respeitado ou foi

humilhado, leu *Ulysses* ou

não leu *Ulysses*, tudo

bem... morreu jovem ou

morreu velho, tanto faz,

acabou, será esquecido.

viver & morrer são

processos maquínicos.

sugestão: aproveite a vida,

seja grato, ela é única.

¿o que é a vida?

Erwin Schrödinger:

> coisas vivas evitam o máximo possível se decompor em desordem e cair no equilíbrio da não-vida.

melhor dizendo:

> coisas vivas {são máquinas complexas que} evitam o máximo possível se decompor em desordem e cair no equilíbrio da não-vida.

—
—
—

{¿uma complexa construção mental?
¿um refinado processo intracraniano?
sistema nervoso,
sinapses, impulsos elétricos, reações químicas...}

{neurônios digerindo & codificando as

informações
sensoriais, criando
um modelo virtual do
mundo...}

{uma simulação
dissonante, uma
konstrução
kontaminada por
nossas memórias &
emoções.}

—

—

—

o panfleto misterioso trazia
uma assinatura:

Oroboro, o robô réprobo

—

—

—

{distráido da aula de
matemática, nosso
pequeno & entediado
herói começa uma fanfic.}

Morpheus > Você toma a
pílula azul e nossa história
termina. Você acorda em
sua cama e continua
acreditando no véu de

Maya. Você toma a pílula vermelha, permanece no País das Maravilhas e eu te mostro o quão profunda é a toca do coelho.

Neo > ¿e a pílula cinza?

Morpheus > ¿que pílula cinza?

Neo > ¿essa que apareceu entre as duas, flutuando no ar?

Morpheus > estranho... não faço a menor ideia.

Trinity, pessoal, venham aqui. alguém consegue me dizer o que...

{Neo engole a pílula cinza, na verdade uma jujuba meio apimentada, e rapidamente descobre a verdade: ele é apenas um personagem numa obra de ficção.}



{ideia pra uma fanfic de *O Show de Truman*: o protagonista, depois de escapar do estúdio de televisão, descobre que todas as pessoas do suposto *mundo real* também não passam de personagens numa obra de ficção.}



¿quando nosso pequeno herói se tornar um xamã, a magia psicodélica e o esplendor da natureza mostrarão?

¿mostrarão que a dança da Realidade nada mais é que uma complexa construção mental?

¿um refinado processo intracraniano?

¿sistema nervoso, sinapses, impulsos

elétricos, reações químicas?

¿mostrarão que falar em Realidade é falar basicamente em redes de neurônios digerindo & codificando as informações sensoriais?

¿criando um modelo virtual do mundo?

¿quando nosso pequeno herói se tornar um físico teórico, a matemática quântica & cosmológica mostrarão?

¿mostrarão que a dança da Realidade nada mais é que uma complexa construção mental?

¿um refinado processo intracraniano?

¿sistema nervoso, sinapses, impulsos elétricos, reações químicas?

¿mostrarão que falar em

Realidade é falar
basicamente em redes de
neurônios digerindo &
codificando as informações
sensoriais?

¿criando um modelo
virtual do mundo?

¿quando nosso pequeno
herói se tornar um meta-
humano cibernético de
cem mil anos ou mais, suas
habilidades quase divinas e
suas conexões profundas
com a matéria e a energia
do cosmos mostrarão?

¿mostrarão que a dança da
Realidade {ainda} nada
mais é do que uma
complexa construção
mental?

¿um refinado processo
algorítmico?

¿sistema nervoso {natural
& artificial}, sinapses,
impulsos elétricos, reações
químicas?

¿mostrarão que falar em Realidade {ainda} é falar basicamente em redes {biológicas & eletrônicas} de neurônios digerindo & codificando as informações sensoriais?

¿{ainda} criando um modelo virtual do universo?

¿então nosso pequeno herói, uma singela marionete entre marionetes, finalmente enxergará seus fios?

¿então nosso pequeno herói, um singelo quadrado entre quadrados, finalmente enxergará seus lados?

—

—

—

um livrão.

robusto mesmo.

um livrão supergrosso de

filosofia.

Serelepe, a melhor amiga de nosso pequeno herói, mostra um livrão supergrosso de filosofia e pergunta ao nosso pequeno herói se ele está interessado.

nosso pequeno herói encara o livrão supergrosso de filosofia e torce o nariz.
> pra mim chega.

tudo o que os livros e os filmes forneceram até agora ao nosso pequeno herói foram dúvidas & angústia.

confusão & sofrimento mental.

Serelepe, a melhor amiga de nosso pequeno herói, coloca o livrão supergrosso de filosofia em cima da mesa.

expressão marota...

Serelepe coloca o livrão

supergrosso de filosofia em cima da mesa, segura firme as folhas e vai soltando devagar.

dois personagens engraçados começam a rebolar e a dar patetas cambalhotas.

dois personagens engraçados desenhados a lápis no canto inferior das páginas.

as folhas passam e os dois personagens engraçados desenhados a lápis no canto inferior das páginas continuam rebolando e dando patetas cambalhotas.

nosso pequeno herói...
os olhos, o nariz, a boca,
todo o rosto do nosso
pequeno herói sorri.
um sorrisão pateta.
robusto mesmo.

—

—

{então o grande problema é o desejo, certo? já vontade visceral! enquanto os animais vivem sua vidinha ignorante, totalmente imersos & satisfeitos na prisão da ilusão, nós somos forçados a desejar a liberdade. mas uma liberdade inalcançável.}

—

—

—

eu digo & repito:
num local fora do tempo e do espaço existe a realidade dos quadrados. esse local sempre existiu e sempre existirá.
os quadrados de todos os tipos flutuam em silêncio nessa vasta região ideal. eles se movem sem se mover.
eles envelhecem sem

envelhecer.

para uns existe a escuridão da noite eterna, para outros a luz do dia eterno. mesmo não existindo escuridão nem luz.

mesmo não existindo noite ou dia.

não há veias nem artérias por onde o sangue possa correr.

não há sangue.

não há revoluções nem guilhotinas.

não há seiva.

não há nutrientes de qualquer espécie.

então, me digam...

como é possível um quadrado sem vida,

sem consciência,

um objeto geométrico...

¿como é possível um

simples quadrado acreditar

que é um menino de

verdade?

no reino dos quadrados
não existe consciência.
no reino dos quadrados
não existem virtude ou
vício.

no reino dos quadrados
não existe violência de
espécie alguma.

no reino dos quadrados
não existe humanidade.
então, me digam...
¿como é possível?

—

—

—

esse é Oroboro, o robô
réprobo.

Oroboro, o robô réprobo,
foi programado pra
acreditar que é um ser
humano de verdade.

um ser humano

mecanicista, pra quem

TUDO É MÁQUINA.

> por exemplo, o corpo
humano blablablá é uma

máquina blablablá que funciona mediante uma mecânica metabólica blablablá...

esse é Oroboros, o robô réprobo.

tomem muito cuidado, meus queridos.

o sujeito é um chato-de-galochas.

um mecanicista da pior espécie:

do tipo circular.

tautológico.

se vocês o encontrarem na rua, fujam para as montanhas.

não hesitem.

do contrário ele tentará convencer vocês a fazer parte do seu maçante grupo de estudo.

atualmente esse grupo enfadonho está estudando o livro *O homem-máquina*, de Julien Offray de La

Mettrie.

esse maçante grupo
enfadonho está estudando
esse livro há mais de cem
anos.

ihá mais de um século!
icacete, ninguém merece!
esse é Oroboros, o robô
réprobo.

tomem muito cuidado,
meus queridos.
não hesitem.

se vocês o encontrarem na
rua, fujam para as
montanhas.

Oroboros, o robô réprobo,
está certíssimo.

TUDO É MESMO
MÁQUINA.

porém, mesmo certíssimo,
o sujeito é um chato-de-
galochas.

—

—

—

¿existirá mesmo o reino

dos quadrados?

¿ou nosso pequeno herói
subitamente acordará para
a Verdade?

¿para a Verdade de que ele
é apenas texto?

¿apenas palavras, palavras,
palavras, palavras num
página em branco?

¿apenas um inquieto &
inquietante fluxo literário?

¿apenas um personagem
numa obra de ficção?

¿sem órgãos nem lados?

—

—

—

ai ai, meu Jesus Cristim...

aqui vamos nós de novo...

parece até o eterno

retorno.

você, meu pequeno herói,

leu recentemente o conto

All you zombies, escrito por

Robert A. Heinlein.

nesse conto um homem é

filho de si mesmo.

exatamente: ele é seu pai e sua mãe, e também outros personagens da narrativa, dos dois sexos, em diferentes momentos de sua vida.

mas apenas sua versão masculina mais velha sabe disso.

as outras versões não suspeitam de nada.

¿de que maneira essa excentricidade aconteceu? o homem é um viajante no tempo, é claro.

você leu o conto *All you zombies*, escrito por Robert A. Heinlein, e agora está desconfiado.

muito desconfiado.

¿será que você também não é filho de si mesmo?

¿será que você e tua melhor amiga não são a mesma pessoa?

¿em diferentes momentos
de sua vida?

—

—

—

você, meu pequeno herói,
e tua melhor amiga,
Serelepe, vocês estão
sentados na areia.

diante do oceano.

assistindo ao pôr do sol.

hoje tua melhor amiga

parece diferente.

menos pesada.

mais radiante.

cintilante.

iluminada.

parece até que ela

descobriu o supremo

segredo...

a verdadeira verdade...

você, meu pequeno herói,

continua o mesmo.

pesado.

escuro.

você, meu pequeno herói,

leu recentemente a história em quadrinhos *A insustentável leveza do ser*, desenhada pela Laerte Coutinho.

em poucas páginas – apenas seis – um jovem protagonista é atingido com violência pela verdade da vida:

seu pai não é seu pai, é uma mulher disfarçada de homem.

sua mãe não é sua mãe, é um homem disfarçado de mulher.

sua irmã atual é uma de muitas atrizes contratadas pra interpretar o papel de irmã...

e no final, após nosso herói descobrir que não é um jovem branco, mas um jovem preto retinto, a grande revelação:

a cidade é uma pintura na

parede.

>O mundo é falso.

¿compreende?

>O mundo é falso.

você, meu pequeno herói,
comenta com tua melhor
amiga.

menos pesada.

mais radiante.

cintilante.

iluminada.

você comenta a história

em quadrinhos *A*

insustentável leveza do ser,

desenhada pela Laerte

Coutinho:

>¿e se eu & você, e se

todas as pessoas forem

vergonhosos impostores?

você comenta:

>¿e se toda essa

maravilhosa paisagem for

apenas um cenário de

computação gráfica?

tua melhor amiga encosta

delicadamente em teus

lábios o dedo indicador.

> shhh.

tua melhor amiga não quer
mais ouvir esse tipo de
lamentação.

> shhh.

tua melhor amiga se
levanta da areia.

estica os braços,
alonga todo o corpo,
faz um giro suave
e começa a dançar.

tua melhor amiga dança
sem música.

sem esforço.

sem motivo.

tua melhor amiga dança
uma coreografia

engraçada, fazendo o
corpo se lembrar de
movimentos que nunca
aprendeu.

agora uma dançante
música se aproxima
devagar,

meu pequeno herói,

bem devagar,
uma dançante música
preenchendo tua mente.
preenchendo a mente de
tua melhor amiga,
Serelepe.
a música.
a dança.
os pés na areia.
uma coreografia
engraçada.
você, meu pequeno herói,
e tua melhor amiga,
Serelepe, vocês parecem
se lembrar de uma música
que nunca escutaram.
agora tua melhor amiga
puxa você pela mão.
puxa você para a dança,
meu pequeno herói.
agora tua melhor amiga
puxa teu rosto para mais
perto.
puxa tua boca para mais
perto.
boca na boca.

língua na língua.

corpo.

música.

dança.

mãos nas mãos.

mamilos.

púbis.

o sol em movimento.

gozo.

gostosa moleza.

espuma oceânica.

langor.

largados na areia.

você, meu pequeno herói,

e tua melhor amiga,

Serelepe.

gostosa moleza.

largados.

pelados.

dissolvidos na areia.

você, meu pequeno herói,

e tua melhor amiga,

Serelepe.

espuma oceânica.

sorrisos.

risos.

-

-

-

{minhas queridas & meus queridos, o que é a realidade senão uma complexa construção mental? senão um refinado processo intracraniano? sistema nervoso, sinapses, impulsos elétricos, reações químicas...}

{tudo bem, chegamos a uma questão problemática... falar em *realidade* é falar basicamente em redes de neurônios digerindo & codificando as informações sensoriais, criando um modelo virtual do mundo... ou não é?}

{mas o cérebro humano não é um dispositivo perfeito. a realidade, isso que chamamos de *universo*, é uma simulação

dissonante, uma
konstrução
kontaminada por
nossas memórias &
emoções. minhas
crianças, a verdade
difícil de engolir é
que nós jamais saymos
e jamais sairemos da
maídita caverna do
mito de Platão.}

{então o grande
problema é o desejo,
certo? já vontade
visceral! enquanto os
animais vivem sua
vidinha ignorante,
totalmente imersos &
satisfeitos na prisão
da ilusão, nós somos
forçados a desejar a
liberdade. mas uma
liberdade
inalcançável. agora
eu te pergunto: ¿por
que a evolução
cultivou em nós,
prisioneiros, o
desejo da liberdade,
se a prisão é
infinita e a
liberdade é
impossível? esse
desejo angustiante...
¿por quê? ¿feito uma

Luxúria sem corpo,
apenas em nossa
mente?!}

{em linguagem humana,
repostas
satisfatórias não
há.}

{não haverá jamais.}

{esqueçam por um
momento os labirintos
da razão metódica.
especulativa.}

{não se torturem com
as sutilezas
quânticas ou
cosmológicas dos
impostores e das
imposturas. ¿tudo são
máscaras mentais?
¿tudo é simulacro
neural?}

{repite: repostas
satisfatórias não
há.}

{não haverá jamais.}

{o que há, o que
sempre houve, é o
gozo.}

{o que há, o que sempre houve, é a dança sem motivo. a ventania feroz. o movimento festivo da endorfina e da dopamina. o que há, o que sempre houve, é a konjunção sagaz dos corpos. a tempestade dos hormônios. o colapso sensorial da serotonina e da ocitocina.}

—

—

—

> ¿amor, você viu meus olhos?

> estavam em teu rosto ontem à noite, quando eu fui embora.

> eu sei, mas hoje de manhã, quando eu acordei, não estavam mais.

> ai ai, meu raio de sol... vamos, eu te ajudo a procurar.

> ¿me empresta um olho?

> empresto... um olho, um

ouvido, uma perna, o que
você quiser.

> ¿ah, luz da minha vida,
sem você o que seria de
mim?

> ¿qual olho você prefere:
a rosa ou a estrela?

> prefiro a estrela... a rosa
queima demais.

—

—

—

uma brisa sagaz de
cogumelo mágico.

o esplendor.

a cintilação voraz da vida.

transmissão de

pensamento.

clarividência.

um teatro aquático de

sombras sonâmbulas.

baleias & golfinhos.

golfinhos & tubarões.

tubarões & águas-vivas

do tamanho de um

arranha-céu.

transmissão de
pensamento.

clarividência.

¿quem consegue dizer com
absoluta certeza em que
ponto uma história
começa?

¿quem consegue dizer com
absoluta certeza em que
ponto uma história
termina?

uma brisa sagaz de
cogumelo mágico preenche
o mundo com um brilho
feroz.

um brilho chapado.

> ¿amor, você viu meus
pulmões?

> ¿meu sistema
circulatório?

—

—

—

você está com sede.

vai até o filtro e enche de
água um copo.

a água tem um gosto bom.
um gosto muito bom.
tua melhor amiga,
Serelepe, ela está
passando um café.
o aroma é maravilhoso.
tudo o que vem dos
sentidos é maravilhoso.
mas por um segundo você
hesita e se perde num
devaneio racionalista.

> ¿o que são os aromas do mundo?

> ¿o que são os sabores do mundo?

> ¿delírio ou realidade?

> ¿simulação ou verdade?

descargas elétricas
começam a congestionar
teu raciocínio lógico.

o córtex pré-frontal
começa a colapsar.

em tua mente, ó meu
pequeno herói, a velha
roda da angústia volta a
girar...

mais rápido...

mais rápido...

> ¿putaquipariu, quem sou eu?

> ¿queeem soooouuu eeeuuu?

então do pântano

fedorento da insatisfação

racionalista três

gigantescas criaturas de

lama & gravetos & folhas &

flores mortas caminham

em direção à cidade.

são eles:

o argumento regressivo

o argumento circular

o argumento dogmático.

os três monstros do

pântano fedorento cercam

você, meu pequeno herói,

e resmungam

ameaçadoramente, em

jogral:



{ficou doído,
guerreiro?!}

{que recayda é
essa, maluko?!}

{ainda não assimilou
muito bem assimilada
a única *verdade* que
realmente merece
crédito?}

{todo o conhecimento
teórico produzido &
divulgado pela
linguagem humana é um
conhecimento
imperfeito, repleto
de falhas.}

{o problema de todas
as teorias fundadas
na palavra, incluindo
as mais refinadas, e
de todos os teóricos
que só se expressam
por palavras,
incluindo os mais
sofisticados, é que
vivem num abstrato
mundo de falácias
chamado Trilema de
Agripa.}

{mesmo no campo da
lógica e da

matemática é impossível provar definitivamente qualquer verdade.}

{trata-se de um trilema porque apresenta um impasse diante de três alternativas, todas as três incapazes de apresentar o fundamento verdadeiro de qualquer teoria:}

{primeira alternativa: o argumento regressivo, em que cada prova requer uma prova adicional, ad infinitum.}

{segunda alternativa: o argumento circular, ou *petição de princípio*, em que a prova de alguma proposição pressupõe a verdade dessa mesma proposição.}

{terceira alternativa: o argumento dogmático, às vezes na forma do

apelo à autoridade,
que se baseia em
preceitos &
preconceitos
históricamente
aceitos que são
meramente afirmados e
não defendidos.}

—

—

—

a gravidade é pouca.
quase não há atmosfera.
você, meu pequeno herói,
e tua melhor amiga,
Serelepe, vocês estão
caminhando sob o vácuo
das constelações.
numa planície arenosa de
um distante planeta.

você:

> ¿ nós já estivemos aqui
antes?

ela:

> nós já estivemos aqui
antes. mil vezes. um
milhão de vezes. talvez
mais...

você:

> ¿e sempre foi assim, o mesmo gozo fabuloso?

ela:

> e sempre foi assim, o mesmo gozo fabuloso.

você:

> ¿como se fosse a primeira vez?

ela:

> como se fosse a primeira vez.

você, meu pequeno herói,
e tua melhor amiga,
Serelepe, vocês estão
caminhando sob o vácuo
das constelações.

numa planície arenosa de
um distante planeta.

teu corpo, meu pequeno
herói, carece de
substância.

é uma estrutura diáfana,
quase imaginária.

o corpo de tua melhor
amiga também carece de

substância.

também é uma estrutura diáfana, quase imaginária.

¿que música é essa?

¿que movimentos são esses?

você, meu pequeno herói,
e tua melhor amiga,

Serelepe, vocês parecem
se lembrar de movimentos
que nunca aprenderam.

de uma música que nunca
escutaram.

a gravidade é pouca.

quase não há atmosfera.

> ¿como se fosse a
primeira vez?

> como se fosse a primeira
vez.

¿quem consegue dizer com
absoluta certeza em que
ponto uma história
começa?

ninguém.

porque será sempre

possível recuar um pouco,

e mais um pouco, e mais um pouco...

sempre em busca do sentido completo do que realmente aconteceu.

sempre em busca do que convencionalizamos chamar de Verdade.

¿quem consegue dizer com absoluta certeza em que ponto uma história termina?

ninguém.

porque será sempre possível avançar um pouco, e mais um pouco, e mais um pouco...

sempre em busca do sentido completo do que realmente aconteceu.

sempre em busca do que convencionalizamos chamar de Verdade.



¿a dança e a música?

¿são duas intensidades?

¿o aroma do café recém-filtrado?

¿também são duas intensidades?

¿também são duas intensidades

o cheiro de terra molhada e a emoção vertiginosa provocada pela manifestação do maior vulcão,

do maior tsunami?

duas intensidades:

¿quando aparecem e quando desaparecem?

¿a espiral do estrondo e a espiral do silêncio?

¿duas intensidades?

¿o terror e a alegria?

—

—

—

> aff...

> essa furiosa necessidade

de questionar o mundo,
sua lógica...

> shhh.

> apenas aceite a Presença
de todas as coisas.

> cante.

> dance.

> me pega mais uma vez,
com vontade.

> e agradeça.

—

—

—

se teu abismo interior
ou tua nuvem interior
ou qualquer coisa secreta
{interior}

olhar muito tempo
para meu abismo exterior
ou minha nuvem exterior
ou qualquer coisa secreta
{exterior}

meu abismo exterior
ou minha nuvem exterior
ou qualquer coisa secreta
{exterior}

mandará afetuosos

beijinhos

para teu abismo interior

ou tua nuvem interior

ou qualquer coisa secreta

{interior}.

essa é a lei da retribuição,

também chamada de

lei da atração universal

entre dois corpos {ou

mais}.

de abismo pra abismo.

de nuvem pra nuvem.

de qualquer coisa secreta

pra qualquer coisa secreta

em combustão

espontânea.

—

—

—

boca na boca, língua na

língua.

um relâmpago entre

espelhos.

filamentos...

tentáculos...

dois polvos vorazes se
atracando.

qual é a forma do universo:
¿plana ou esférica?

¿ou semelhante a uma sela
de cavalo?

tanto faz.

você, minha pequena
heroína, e teu melhor
amigo, vocês estão
caminhando sob o vácuo
das constelações.

a gravidade é pouca.

quase não há atmosfera.

neste momento tanto faz
qual é a forma do universo.

tanto faz se o universo é
finito ou infinito.

¿o que havia antes do big
bang?

aff...

¿tanto faz, não é mesmo?
tanto faz todas as questões
complicadas dos cientistas.
boca na boca, língua na
língua.

um relâmpago entre
espelhos.

filamentos...

tentáculos...

dois polvos vorazes se
atracando.

a conjunção supernatural
dos corpos.

sob o vácuo amoroso das
constelações, a telepatia, a
fricção mental.

duas intensidades
sagradas:

o terror {estrondo} e a
alegria {silêncio}.

só isso é importante agora:
as devastações magnéticas
do gozo.

saborear os sabores e os
odores.

e dormir, dormir demais,
dormir pesado, sem culpa
nem desculpas, dormir o
sono mais refrescante,
apreciar as substâncias do
prazer, a liberação de

acetilcolina & melatonina,
o movimento rápido dos
olhos, acordar tarde,
acordar revigorado...
só isso é importante agora:
você, minha pequena
heroína, e teu melhor
amigo, vocês trocam de
corpo a cada minuto.
a cada minuto.
a cada minuto.
vocês trocam de corpo a
cada minuto e jamais
deixaram – jamais deixarão
– de ser o mesmo corpo:
um quadrado.
um quadrado com um
metro de cada lado.
um quadrado violeta.
num local fora do tempo e
do espaço.

—

—

—

—

—

—
—
—
—
sobem os créditos finais
ao som de
*O telefone tocou
novamente*
do Jorge Ben Jor

•
•
ou ao som de
Modern love
do David Bowie

•
•
ou ao som de
I wanna hold your hand
dos Beatles

•
•
ou ao som da canção
dançante
que vocês, meus amores,
mais gostam
de fazer rodopiar nos alto-

falantes

—

—

—

—

—

—

—

—

—

•

•

Sofia Soft nasceu no dia 17 de maio de 1990, o mesmo dia em que a assembleia geral da Organização Mundial de Saúde retirou a homossexualidade da sua lista de doenças mentais. O local exato de seu nascimento ainda é controverso. Seu pai assegura que foi na província asteca de Agzceaziguls, sua mãe garante que foi na

caribenha Ilha de Cacklogallinia, mas a própria Sofia afirma que foi na imprecisa Cidade dos Abençoados. Seu principal trabalho até agora é a colagem teatral Teoria do caos, ainda inédita. É apaixonada pelo Dicionário das tristezas obscuras, de John Koenig, e pelos filmes de Wes Anderson. Em 2018 lançou o livrim *Sabixões & Sabixinhos: philosophus brasilis*, em parceria com Teo Adorno, e em 2021 o breve romance *Filhos do lixão*, para jovens leitores, ilustrado por Sol Lunaris.